

Carta sobre Escrita – 23

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

D. Dinis foi um dos primeiros reis de Portugal. Viveu entre 1261 e 1325. Deixou uma obra de grande impacto, como governante e como poeta. De um dos seus poemas, trago três estrofes:

*Non chegou, madr', o meu amigo,
E hoj' est' o prazo saído!
Ai, madre, moiro d'amor!*

*Non chegou, madr', o meu amado,
E hoj' est' o prazo passado!
Ai, madre, moiro d'amor!*

*E hoj' est' o prazo saído!
Porque mentiu o desmentido?
Ai, madre, moiro d'amor!*

É fácil de perceber, mesmo se o texto nos mostra uma língua ainda em processo de formação, que se trata de um poema de amor. A donzela, apaixonada, lamenta, para a mãe, que o seu amado – dito aqui “amigo” – ainda não regressou apesar de já ter passado o prazo prometido para a sua chegada e ela “morre de amor” por ele.

- *Mas há aqui um problema: o poema não é de D. Dinis, um homem?*

- *Qual é o problema? Um homem não pode escrever um poema no feminino? E vice-versa?*

Servem estas estrofes para nos ilustrar que o “eu” do poema não é o “eu” do autor. Isto deve afastar-nos a ideia de que o importante no texto poético é a vida do autor, os sentimentos e o caso concreto do autor, a sua história privada. Não é.

Um poema é um texto, um texto que vale por si mesmo, que vale como um objeto literário, poético. Se não valer como objeto poético, como coisa literária, não tem valor senão talvez para quem o escreve ou para quem o recebe como dedicatória, mas isso é história privada, não é literatura.

O “eu” das estrofes acima transcritas não é D. Dinis, mas o de qualquer mulher apaixonada que espera o seu amado. Mais ainda, de qualquer ser humano apaixonado, homem ou mulher, que espera a pessoa amada e desespera por ela não chegar, mais ainda se o prazo prometido já está ultrapassado: “Que terá acontecido?!”

É claro que não há mal algum em que o poema nasça de um sentimento vivido pela pessoa do autor. Mas o que interessa “no poema” não é o autor que ali se torna presente, mas o texto ou a forma poética pela qual o leitor se encontra com a sua experiência vivida, seja na primeira pessoa, ele próprio, seja de outras pessoas do mundo que ele conhece.

Como, por exemplo, uma fotografia de uma cena de guerra. O que importa? Não é o fotógrafo, em primeiro lugar, mas aqueles, todos aqueles, que sofrem naquela guerra e em todas as guerras.

Um jovem autor (é talvez inevitável) vê-se sobretudo a si mesmo no poema. Paciência. Mas é de todo indispensável que ele olhe sobretudo para o poema, para o texto, para o valor poético do texto que lança ao mundo e à literatura.

Insisto: se eu encontrar, entre os meus papéis, o primeiro poema que eu fiz, adolescente ainda, à minha namorada, ele pode ter para mim – para mim! – grande interesse, apesar de o poema ser uma nulidade. Por não ter valor poético, não tem interesse para mais ninguém. É por isso que todos (?) os adolescentes apaixonados escrevem poemas que sentem como únicos, como obras-primas, mas que são todos iguais e sem valor poético. É desta armadilha que cada autor tem de saber libertar-se.

Um poema tem valor não porque é meu, mas porque vale enquanto poema.

O “eu poético” não é o “eu do autor”.

O mesmo se passa com um conto, uma crónica, um romance.

Um poema não é bom porque foi escrito por Camões; Camões é que é um grande poeta porque escreveu grandes poemas. É uma grande obra que torna grande o seu autor, não o contrário.

A Ilíada é um grande poema grego, apesar de, na verdade, não se saber quem o escreveu. O mais provável é que nem tenha havido “um” autor, mas uma tradição oral em que o poema foi sendo contado e cantado ao longo de gerações e assim ganhou conteúdo e estrutura que, depois, alguém fixou por escrito. A Ilíada não precisa de autor, apenas a nossa curiosidade pode estar interessada nisso.

Talvez possamos dizer, com cuidado, que, à imagem da Ilíada, o autor é o menos importante.

Daqui tiram-se algumas recomendações a que vale a pena prestar vassalagem:

- cuidar com dedicação da qualidade daquilo que escrevo;
- deixar de lado a “minha” importância como escritor (como se daí viesse valor à obra);
- observar a qualidade dos textos com que me encontro (colocar em segundo lugar a sua autoria).

E ainda uma última conclusão: se a coisa correr bem, mais tarde, daqui a alguns anos, os meus textos que hoje me parecem obras-primas vão talvez deixar-me incomodado... porque eu, entretanto, evolui e tenho muito mais capacidade poética, que se vê nos textos que “agora” escrevo, por isso aqueles velhos textos já não respondem bem às minhas novas exigências. É sinal de que evolui ao longo dos anos. Assim que se faz a história de qualquer escritor. Porque ninguém nasce ensinado. O poder poético também se constrói.

Novembro de 2023

José A. Jana